

A POESIA E SEU MORAR

**SÓ (H)A POESIA
E SUA CASA
E SUA CASCA
E SUAS ASPAS
PARA O HUMANO
ESCAPAR DAS FARPAS**

fernando rios

o poema
não é a morada
única
exclusiva
prerrogativa
da poesia

a poesia penetra
e é penetrada
como nuvens em ouro preto e nova iorque
ou vice versa
como tempestade que uiva no mar, no deserto, na cidade
ou vice versa
como vento na chuva de uma gravura de goeldi
ou vice versa

a poesia

quando está
se esparrama
se espraia
se estende
se envolve
se desconcentra
se permeia
se permite
em sons, cores, sabores, saberes
formas e letras
e seu continente
tanto pode deixar-se fundir por ela
quanto
fundir-se nela

há poesia nas tintas de monet
nos movimentos de calder
nos passos das figuras de giacometti
nas superfícies de anish Kapoor
na primavera de stravinsky
nos meninos e na paris de henri cartier-bresson
na voz de bob samuel wilson becket no silêncio de krapp
nas frutas, frutos de cèzanne
nas muitas humanidades de sebastião salgado
nas filosóficas falas veredas de guimarães rosa
nas paredes ávidas dos gêmeos e cobra
no trompete incisivo e cálido de miles davis

e então
cada casa
com suas portas e janelas
deixa fluentemente
entrar e sair
a poesia
nas cores e no clima de hopper

porque onde ela está
basta um querer
e ela passa perto bem ao largo
até onde a emoção
a mão o coração alcançam

mas que poesia?

e quanta poesia?
e qual poesia?

aquela que entra pela retina
aquela que toca a trompa de falópio
aquela que excita a gustativa papila
aquela que dispara o coração na surdina
aquela que arrepia

então
poesia caminha por aí
às vezes
dentro do poema
às vezes
dentro de um teorema
às vezes
nas paredes de uma caverna
às vezes
até onde a alma não chega
às vezes
gritando para ser vista
às vezes
nas paredes da angústia
às vezes
na louça da pia
às vezes
no paralelepípedo
às vezes
sol a pino no meio dia
às vezes
no sino em melodia
às vezes
às vezes
às vezes
às vezes
e sempre